

*Gênese da Fala do Personagem em  
Contos Etiológicos Inventados por  
Dois Alunos Recentemente Alfabetizados:  
o jogo entre o oral e o escrito*

GENESIS OF CHARACTER SPEAKING ON TALES ETIOLOGIC INVENTED BY TWO  
STUDENTS NEWLY LITERATE: THE GAME BETWEEN ORAL AND WRITTEN

Lidiane Lira\*  
Eduardo Calil\*\*

**Resumo:** Este trabalho descreve as ocorrências de Discurso Reportado (DR), formuladas oralmente, durante a produção de contos etiológicos inventados por uma díade de alunos recém-alfabetizados. O corpus analisado foi filmado e coletado em situações reais de sala de aula. A professora solicitou para seus alunos de 7 anos de idade, agrupados em pares, a produção de um texto único. Selecionamos 10 processos de escritura e seus respectivos manuscritos produzidos pela dupla Caio e Igor. O recorte de análise incidirá sobre os

---

\* Aluna de Pós-Graduação (Doutorado) em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), campus Maceió. Realizou estágio de doutoramento na *Université de Cergy Pontoise*, França, de fevereiro de 2014 a janeiro de 2015. Mestre em Educação na UFAL (2011). Atualmente, atua como docente na Faculdade Estácio de Alagoas. Contato: libidilira@gmail.com.

\*\* Doutor em Psicolinguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP, 1995) e Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas. Fez estágios de pós-doutoramento no Institut des Texts et Manuscrits Modernes – ITEM (2003-2004), no Laboratório de Modèles, Dynamiques, Corpus (MODYCO) da Université Paris Ouest Nanterre La Défense (2010) e foi pesquisador-visitante pelo Fulbright Scholar Program, na Harvard Graduate School of Education (2014). Com apoio da Fapeal, coordena desde 2014, o projeto InterWriting, envolvendo pesquisadores brasileiros, franceses e portugueses. Contato: eduardocalil@icloud.com.

tipos de DR no conjunto de 10 manuscritos desses alunos e exemplificaremos a gênese do DR de um processo de escritura desde sua formulação inicial, até sua textualização. A partir do aporte teórico da Genética Textual e a Linguística da Enunciação evocamos a dimensão processual de escritura em ato, observando o papel de cada um dos alunos para a constituição do DR. Advogaremos que o elevado número de ocorrências de DR no oral (113) em comparação ao escrito (29) parece estar relacionado à complexidade das formas gráficas e enunciativas para sua representação por escrito, dada as perdas de suas possibilidades enunciativas.

**Palavras-chave:** Escritura colaborativa. Genética textual. Discurso reportado.

**Abstract:** This work seeks to describe the occurrences of orally formulated reported speech (RS), during the production of etiological tales invented by a dyad of recently literate students. The analyzed corpus was filmed and collected in real classroom situations. The teacher asked her 7-year-old students, grouped in pairs, to produce a single text. We selected 10 scripture processes and their manuscripts produced by the dyad Caio and Igor. The analysis frame will focus on the types of RS in a set of 10 manuscripts of this student's dyad and shall illustrate the genesis of the RS in a writing process from initial formulation to their textualization. In the theoretical framework of Textual Genetics and Enunciation Linguistics, this study will consider the procedural dimension of act while writing, looking at the role of each of the students during the constitution of the RS. We will acknowledge that the high occurrence of oral RS (113) compared to the written RS (29) seems to be related to the complexity of the graphic and enunciative forms of their representation through writing, given the loss of their enunciation possibilities.

**Keywords:** Collaborative writing. Textual genetics. Reported speech.

## Introdução

A proposta desse trabalho assenta-se sobre a gênese e caracterização da representação das falas de personagens criadas por uma díade de alunos, quando escrevem juntos contos etiológicos inventados. Nosso objetivo, em um primeiro momento, é identificar e descrever o discurso reportado (DR)

relacionado a esses personagens, nos manuscritos produzidos pelos alunos. Em seguida, iremos analisar a gênese do DR em um dos processos de escritura colaborativa. Situamos nosso estudo no campo de investigação proposto pela Genética Textual, a partir de uma abordagem enunciativa e dialógica. Para resgatar o processo de escritura em tempo e espaço real, respeitando o contexto ecológico de sua produção (CALIL, 2008, 2012), iremos associar o manuscrito escolar (produto) ao registro fílmico de seu processo de escritura. Destacaremos a construção oral coenunciativa do DR a ser textualizado na narrativa ficcional inscrita na folha de papel. Esse modo de captura audiovisual do manuscrito em curso permitirá relacionarmos o DR grafado à sua gênese e construção. A partir destas condições, pretendemos responder: Quais elementos linguísticos evidenciam a ocorrência de DR? Como e em que momento do processo de escritura os alunos escreventes textualizam o que enunciam os personagens? De que modo se diferencia e se articula o processo enunciativo do DR em cada um dos alunos da dupla?

Para responder a essas questões, nossa análise está dividida em dois momentos. i) análise quantitativa e comparativa dos DR identificados nos 10 manuscritos dos processos de escritura, e nos próprios processos registrados em vídeo; ii) em um segundo momento, colocaremos em destaque a análise microgenética de DR identificado em um manuscrito, relacionado à fala de um personagem. Nesta análise iremos considerar a dinâmica coenunciativa dos interlocutores e sua relação com a construção do DR que será inscrito e linearizado no manuscrito.

## **O DR como Fenômeno Enunciativo do Dizer e Modalidade da Ficção**

O tratamento a ser dado ao DR irá considerar esse fenômeno linguístico-enunciativo a partir de uma concepção dialógica da linguagem. Consideraremos como dialógico a orientação dada por um discurso em direção a outros enunciados (BAKHTIN, 1992). Esse movimento é manifesto à medida que, imanente a ele, temos enunciações advindas de enunciadores distintos identificados por vozes outras, algumas mais presentes, destacadas e evidentes, outras estão supostas, inferidas ou indiciadas. No funcionamento dialógico do dizer, seja em sua forma “mostrada” ou em sua condição “constitutiva”, como propõe Authier-Revuz (1984, 2004), o que se diz é sempre feito e efeito de outros dizeres.

Se consideramos que as palavras ditas pelo sujeito falante estão sempre perpassadas pelas palavras do outro, para constituir seu próprio discurso, um locutor, necessariamente, elabora seu dizer a partir de outros dizeres. Eis aqui a dialogicidade interna de todo discurso.

Em nosso objeto de estudo (processo de criação em tempo real de histórias inventadas), a presença de diálogos ou falas de personagens tem um valor dialógico significativo, pois ela permite analisar o dialogismo a partir do jogo enunciativo estabelecido entre o escrevente, o narrador e o personagem. Deste modo, o fato dos alunos estarem conversando para escrever será considerado como meio para nosso acesso ao funcionamento dialógico relacionado à construção do DR. Essa dimensão do dialogismo interlocutivo, delimitado pelo diálogo face a face dos locutores (BRES, 2005), é a que será tomada como ponto de partida para o desvendamento das relações dialógicas e interdiscursivas presentes na construção do DR pelos alunos escreventes.

Entendemos, portanto, que o locutor, enquanto narrador-escrevente, irá mobilizar uma série de dizeres advindos de diversos universos discursivos, relacionados ao contexto letrado que o entorna e funda sua memória como sujeito falante. Com isso, queremos sustentar que a emergência de DR nas histórias inventadas está vinculada ao princípio dialógico. Isto é, a construção do DR irá depender das múltiplas práticas discursivas instanciadas tanto através de interações sociais (familiares, professores, colegas...), quanto através da exposição à cultura letrada (filmes, livros de literatura, livros didáticos, histórias em quadrinhos, propagandas de TV, músicas...). Como indicado por outros trabalhos (CALIL, 2010, 2012a, 2012b, 2014; CALIL; AMORIM; LIRA, 2013), os alunos inventam seus textos a partir do material linguageiro de que dispõem, advindo das práticas e dos discursos aos quais estão expostos. A configuração do produto textual (manuscrito escolar) é altamente dependente da imersão do escrevente novato no universo cultural e letrado. É essa imersão que irá ativar “a multiplicidade de elementos linguísticos e discursivos a serem rearranjados e combinados no manuscrito, durante seu processo escritural” (CALIL; AMORIM; LIRA, 2013, p. 77). Ao recortamos a construção do DR nas histórias inventadas pelos alunos recém-alfabetizados, pretendemos indicar como as relações dialógicas se operam em sua construção oral e de que modo estas relações se articulam, se mostram ou se apagam na inscrição e linearização das falas dos personagens.

Muitos trabalhos têm eleito o DR como objeto de estudo em textos escritos por alunos recém alfabetizados (BESSONNAT, 1994; FERREIRO et al., 1996; DESCHILD, 2003; BORÉ, 2004; PLANE; RONDELLI; VÉNÉRIN, 2013). Mesmo partindo de perspectivas teóricas e abordagem metodológicas distintas, o interesse por este objeto é justificado, de modo geral, por três aspectos:

- a) escolha de gêneros textuais escolares relacionados à narrativa ficcional;
- b) algumas formas de DR (discurso direto e discurso indireto) fazem parte dos conteúdos de ensino deste nível de escolaridade;
- c) a complexidade e articulação dos aspectos linguísticos, semânticos, discursivos, textuais e gráficos relacionados à mudança de planos enunciativos (sobretudo aqueles envolvendo a passagem da voz do narrador para a voz de personagens e vice-versa).

Outros dois pontos comuns à grande maioria dos trabalhos sobre as formas de representação do DR em textos de escolares refere-se à escolha da materialidade textual a ser estudada. Eles investigam as ocorrências de DR em:

- a) produtos acabados escritos pelos alunos (ainda que seja em suas diferentes versões) (DIESHIELD, 2003; BORÉ, 2004a, 2004b, 2006);
- b) produtos escritos a partir de textos já conhecidos (ou seja, os alunos reescrevem ou continuam um texto dado com personagens pré-definidos ou inventam uma narrativa ficcional a partir de ilustrações (BORÉ, 2010; FERREIRO et al., 1996).

Dentre eles, destacamos especificamente os estudos sobre o DR em narrativas de ficção desenvolvido por Boré (2004a, 2004b, 2006, 2010). Ao analisar como alunos de 9 anos constroem o DR, a pesquisadora destacou a complexidade de suas heterogêneas formas de manifestação. Seu trabalho analisou os traços de invenção sugeridos nas versões sucessivas de um manuscrito, os quais, segundo a autora, põem em relevo as engrenagens da enunciação. Entre o rascunho (*brouillon*) e a cópia, as variadas modificações, sejam elas de demarcação sintática ou tipográficas, esbarram nas fronteiras entre discurso citante e discurso citado.

Mesmo com uma orientação precisa e específica de imaginar a sequência da história a partir da perspectiva do “narrador-observador” (BORÉ, 2006), a continuidade da história não se sustenta em uma única posição enunciativa. Para ilustrar, na 1ª versão de uma das produções analisadas pela autora, o caminho escolhido pelo escrevente destaca um núcleo diegético que contextualiza a história apresentando os personagens (“então **Jeanne et Thomas**” e “**mais duas crianças**”). Contudo, o restante da história oscila entre 1ª pessoa do singular e plural, ou seja, a partir da perspectiva dos personagens Jeanne e Thomas (“‘De repente’, escutamos uma música **meu irmão e eu** compreendemos que o casamento ia se concretizar nós ficamos até o fim”). A pesquisadora destaca o fato de o aluno não atender a consigna “na qual o narrador deve ser ele mesmo o escritor, sem que o ‘eu’ e o ‘nós’ seja confundido com aquele dos personagens nem com aquele do aluno” (BORÉ, 2006, p. 55). Ela atesta ainda para o fato de “as fronteiras entre discurso e narração terminam por se misturar” (BORÉ, 2006, p. 51).

A reescrita feita após a discussão da 1ª versão em sala de aula apresentou a alteração do pronome em 1ª pessoa do plural para “ele”. Segundo Boré, essa alteração se deu a partir da interferência do professor<sup>1</sup>. Porém, em “ficamos até o final. As palavras nos olharam estranhamente” (BORÉ, 2006, p. 53), o pronome “nós” referente à “as palavras” – personagem criado – persiste no enunciado. É importante especificar que a análise não apresenta o que se passou durante a inscrição do “eu”, bem como o que professor disse como interferência para sua alteração.

Ainda sobre as formas de DR em manuscritos escolares, Boré (2010), em estudo posterior, apontou para a identificação de três categorias – o dialogismo externo representado, que coloca em cena as vozes de dois interlocutores a partir do locutor principal, diálogo direto representado, na qual os interlocutores falam diretamente, sem hierarquia de vozes e o dialogismo interno representado, na qual o escrevente destaca os pensamentos

---

<sup>1</sup> O corpus foi constituído por duas sessões de escritura e uma reescrita. Cada etapa foi filmada e transcrita integralmente. Contudo, a análise baseou-se tão somente na produção escrita. Embora a pesquisadora mencione a interferência do professor ser a razão pela qual o aluno modificou o referente da narração na reescrita, não se sabe o que ele disse, nem como foi feita a intervenção.

de um personagem falando consigo mesmo. Destacamos a 2ª categoria, cuja representação direta de vozes de personagens é apresentada sem hierarquização de vozes e indicado apenas pelo uso da alínea.

Os elementos dêiticos representados (pronomes) e nomes próprios, assim como os tempos verbais, são alternados na interlocução sem uma transição contextual de uma voz à outra por parte do narrador-locutor. Se no oral a mudança de entonação caracteriza o DD, evidenciando um jogo de imitação, na representação escrita, sua organização própria com apresentação de personagens e verbo introdutor não se faz presente. Isso ocorre quando uma aluna de 9 anos, ao dar continuidade ao conto “A Bela e a Fera” – proposta como produção textual, apresenta uma série de enunciados de personagens que intercalam réplicas, cuja representação escrita é atestada por turnos de fala de personagens indicados nos enunciados “nós levaremos, papai. Prometo!” “Você vem, Bela? Vamos te mostrar uma coisa”. Contudo, apesar de a história ser transcrita majoritariamente sob a ordem direta, o seguimento da história coloca em evidência um narrador que não está excluído da esfera locutória e discursiva, a qual pertence aos personagens como ocorre em “Mas as 2 irmãs, a levou na floresta e a abandonou lá”, (linha 14) e “pois elas queriam dinheiro para serem novamente ricas.” (linha 15)

Ao destacar que o conector “mas” retoma por anáfora as falas precedentes ao DD do personagem, qual seja, “Vamos te mostrar uma coisa”, Boré sugere uma denegação, expressa na continuidade do enunciado indicando que este fato, especificamente, mostrar alguma coisa, não ocorreu, daí ele ser implicitamente dialógico. O enunciado subsequente, “pois elas queriam o dinheiro para serem novamente rica” (linha 15), refere-se ao contexto diegético desenhado pela figura do narrador e recupera a razão pela qual as irmãs a levaram para floresta e a abandonaram. Ela destaca que o conector “pois” testemunha um dialogismo que circula entre duas situações de enunciação distintas: entre a narração diegética e a quem se endereça o narratário extradiegético (leitor). Ter-se-ia, então, de um lado, o autologismo (presentificado pelo narrador-locutor com seu próprio discurso) e, de outro, o discurso representado.

Segundo a autora os traços do dialogismo parecem ser significativos de um trabalho cognitivo em curso para elaboração da ficção. Ou seja, a

aluna passa do universo diegético ao universo extradiegético sem poder ainda os distinguir claramente por meio do uso de signos linguísticos apropriados.

Em Ferreiro et al. (1996) o estudo comparativo<sup>2</sup> em três línguas referente a reescritura do tradicional conto Chapeuzinho Vermelho impunha condições mínimas de escritura tais como, a presença dos personagens Chapeuzinho, sua vovó e o lobo e a ausência de elementos tradicionais advindos de outros contos. Esse estudo concerne apenas a relação entre o DD e a pontuação e apresentou pares homogêneos como o uso de aspas duplas, travessões de abertura e fechamento do DD, bem como, letras maiúsculas, entrada direta inicial e entrada posposta ao fechar o episódio<sup>3</sup>.

É importante assinalar que o fato de os alunos considerarem certos aspectos da história em que interagem sempre dois interlocutores, favorece a emergência do DD, sobretudo, pelo fato das crianças terem como apoio estruturas sintáticas já cristalizadas referente a estrutura a ser utilizada. O que queremos dizer é que a proposta de reescrita de um conto tradicional, centrada em eventos e situações interacionais entre personagens, tais como, a mãe enviando Chapeuzinho ao bosque, o encontro de Chapeuzinho e o lobo no bosque, encontro de Chapeuzinho com o lobo disfarçado de avó, fornece certas características estruturais da história a ser reproduzida. As entonações decorrentes da interação destes eventos permitem a criança apoiar-se naquilo que é conhecido em termos de diálogo e materializar a estrutura linguística, cuja marca é explícita através dos determinados sinais de pontuação, como interrogação e exclamação. Tal proposta e os resultados por eles indicados não podem ser generalizados, dado a especificidade metodológica deste estudo.

---

<sup>2</sup> A análise comparativa se efetuou sobre os textos produzidos por crianças de 2º e 3º ano.

<sup>3</sup> Dentre as variáveis identificadas neste corpus, a entrada posposta, mencionada pelo falante (personagem), está diretamente relacionada ao aumento na quantidade e variedade da pontuação. Contudo, os pesquisadores assinalam que a presença de DD não garante a pontuação, fato justificado e comprovado, a partir da amostra do México. As ocorrências nesse corpus são quase exclusivamente em forma de diálogo e sem nenhuma pontuação.



Doquet-Lacoste (2007), utilizando um software<sup>4</sup> que armazena todas as operações da escrita, as restituindo cronologicamente, recupera a dimensão do tempo e cada momento de pausa efetuado a partir de suas correções ortográficas e ajustes de pontuação. Este procedimento analítico conserva no tempo e espaço os retornos, as reformulações indicando reflexões metalinguísticas sobre o texto em vias de se fazer. Ao atestar os elementos intertextuais e os efeitos de sua integração no texto do ponto de vista de objetivação e de estilização na constituição da palavra do outro, a geneticista, nos atenta para o fato de que a menção feita por um Locutor 1 ao discurso do outro, em termos de discurso direto de locutor 2 é compreendida como “Locutor 1 faz menção as palavras às quais locutor 2 fez uso, e que essas duas relações coexistem” (DOQUET-LACOSTE, 2007, p. 09). Entre menção e uso temos a invenção de um escrevente que utiliza o discurso direto de seu personagem criado, e isso inclui o “deslocamento – momentâneo – do enunciador que deve se colocar no lugar de seu herói, se deslocar para imaginar seu discurso”.

Deslocar-se da posição de quem narra para dar voz ao outro – o personagem – implica questionar “Como fazer o personagem do conto falar?”. Essa questão levantada por Doquet-Lacoste tem relação com o caráter ficcional proposto por Boré, cuja presença “reside na posição enunciativa do sujeito da escritura” (BORÉ, 2010, p. 112). Para Boré a capacidade ficcional tem por condição basear-se no outro, porque supõe imaginar as ações do outro, na medida em que se faz necessário que o aluno se desloque do “eu” para o “tu”, o personagem criado e expresso no diálogo externo. O que queremos dizer é que dar voz ao personagem e delimitar fronteiras entre quem narra e quem fala pressupõe a criação de uma instância enunciativa, qual seja, o personagem. Tal instância não pode igualmente corresponder a perspectiva do narrador.

Com o fim de alçar este trabalho em relação àqueles que se limitam a compreender a representação escrita do DR, buscamos evidenciar a ocorrência do DR no seu estado nascente, articuladas à criação da figura do personagem. Os estudos mencionados mostram que o DR quando

---

<sup>4</sup> Para uma compreensão maior acerca deste procedimento ver Doquet-Lacoste (2003).

apresentado na narrativa evidencia problemas de focalização enunciativa. Dado que as ações imaginadas para um personagem podem “dar voz” a esse personagem, este estudo visa, a partir de DR identificados no manuscrito escolar, reconstruir o processo de criação destes enunciados, considerando suas primeiras formulações orais até o momento em que é linearizado no manuscrito em curso.

*Entre inventar e narrar um conto etiológico: do ponto de vista do narrador ao personagem*

O DR entendido como reprodução de um diálogo é um índice importante para a construção de *récits scolaires*. Consideramos que a necessidade de dar voz ao personagem requer antes imaginar a existência deste. Tal articulação instaura dispositivos ligados à imaginação e à criatividade, bem como ao universo linguístico e cultural que os alunos dispõem. Isso remete, de certo modo, à ficção como aquela que imita a realidade, premissa cunhada em Aristóteles que incitou Boré a associar junto a noção de ficção, a criação. Para ela, o autor de ficção se baseia na realidade como matéria-prima, tal como o “artesão” fabrica e coloca em cena os personagens (BORÉ, 2010). Nesse sentido, é importante considerar o universo textual, ou seja, o gênero referência, bem como as relações interdiscursivas presentes na escritura de invenção.

Estudos mostram que, sobretudo, em manuscritos escolares de escreventes novatos, porém letrados, as fronteiras entre o “discurso do narrador” e o “discurso do personagem” se faz a partir de uma significativa relação de alteridade constituída pelo universo textual que os entorna. Estes estudos trazem o cruzamento de enunciados característicos de gêneros textuais diversos que são tecidos em uma única unidade textual (DOQUET-LACOSTE, 2007; CALIL, 2008; CALIL; DEL RÉ, 2009). Dentre eles, destacamos as análises desenvolvidas por Calil (2008). O pesquisador analisa a produção livre de uma narrativa de ficção apresentada por alunas de 6 anos, destacando a presença de elementos próprios das convenções gráficas (metáforas visuais e tipos de balões) usadas em histórias em quadrinhos. Essa incidência é reflexo das inúmeras referências linguísticas e gráficas advindas das histórias em quadrinhos lidas pelas alunas na época da coleta (CALIL, 2008) e, evidencia, sobretudo, o modo singular como o dialogismo

interdiscursivo interfere na construção dos diálogos representados em narrativas de ficção.

Eleger e analisar a produção textual de histórias inventadas como suporte e o lugar material de emergência para representação de fala de personagens requer considerar os planos enunciativos pelos quais a história é narrada. O trabalho de Boré, Calil e Amorim (2015), a partir de um corpus comparativo de manuscritos brasileiros e franceses, além de identificar formas tradicionais relacionadas a representação do DR como, discurso direto, indireto e indireto livre a pesquisa considerou o discurso narrativizado enquanto instância enunciativa. A proposta de invenção e escritura de contos etiológicos, sugerida pelos pesquisadores, abrangeu uma amostra de formas diferentes daquelas apontadas em estudos anteriores (BORÉ, 2010).

O estatuto do discurso narrativizado, diferente das estruturas assinaladas em DD e DI, que concernem à sintaxe do enunciado, caracteriza-se de modo puramente interpretativo, sinalizando a presença de um discurso outro no interior do discurso do narrador. Seus indícios não são claros e possuem natureza múltipla. Por exemplo, o enunciado “eles discutiram sobre suas férias durante horas”, classificado na pesquisa Boré, Calil e Amorim (2015) como DN, supõe uma discussão. Assinalamos que esse léxico verbal guarda o valor de “debate”. Associado ao verbo, temos a situação contextual e sua indicação de tempo (“durante horas”), indicando um exame minucioso com o levantamento de pós e contras por “n” sujeitos, registrados pelo referente na 3ª pessoa do plural “eles”.

Se, de um lado, os enunciados acima destacados compreendem a perspectiva do narrador, por outro lado, traz em si a indicação de um discurso outro. Neste caso em específico, temos uma indicação enunciativa que faz referência não só a um ato de fala, mas a trocas enunciativas advindas desta situação contextual que implica o debate de duas ou mais pessoas do discurso (eles). Nele temos o sujeito, qual seja, o assunto abordado no debate (férias), mas não temos acesso ao modo de enunciação que ele representa. O que é evidente nesta categoria é a indicação de um acontecimento enunciativo que faz referência a um ato de linguagem. Este conjunto textual pode apresentar dimensões extremamente variáveis, a depender de como o narrador irá gerir e referendar o discurso outro.

De modo mais preciso, estamos entendendo o discurso narrativizado, como um recurso em que o narrador dispõe para destacar um ato de fala, sem mencionar de qual maneira este ato seria representado. O que nos importa é o efeito da citação configurada pela perspectiva do narrador, isto é a dimensão outra de um discurso dentro do seu próprio discurso. Ao descrever o DN, Boré, Calil e Amorim (2015) destacam que quem narra o executa de acordo com seu ponto de vista. Ou seja, as possibilidades de transposição dos enunciados de ato de fala resultam da subjetividade do enunciador.

Nessa configuração, é importante pensar no lugar do DN nos textos produzidos por alunos recém-alfabetizados. Existe alguma relação entre o gênero lido, a saber, os contos de origem e as formas reportadas representadas no gênero escolar produzido?

Este breve panorama, especificamente sobre as estruturas linguísticas produzidas por alunos do Ensino Fundamental, apontou para o fato de que as fronteiras entre o “discurso do narrador” e o “discurso do personagem” não são compreendidas com clareza pelos alunos. O apoio linguístico dos textos referência é fundamental para constituição do texto e como representação para apresentação de fala de personagens. Em linhas gerais, as formas de DR parecem estar relacionadas às práticas didáticas estabelecidas. É o caso específico da invenção de uma história, cuja consigna permite maior liberdade de criação, ou ainda, a inserção de elementos linguísticos (presença de balão e onomatopéias) (CALIL, 2008; CALIL, BORÉ, 2013). Invenção a partir de um determinado ponto de vista (FERREIRO; SIRO, 2010), bem como, a continuidade de uma história já iniciada (BORÉ, 2006). Ademais, a situação de reescrita presente em Ferreiro et al. (1996) e Boré (2004a, 2004b, 2006), assim como as pausas presentes no trabalho de Doquet-Lacoste (2007) durante a inserção do DR, podem ser consideradas como lugar de reflexividade e, testemunham que o se materializa na escritura não se configura sem apresentar problemas.

Propomos tratar o DR a partir de um gênero particular, os contos etiológicos. Por ser um gênero escolar relacionado às lendas e mitos indígenas e africanos, está bastante presente em livros didáticos brasileiros dos anos iniciais da Escola Primária. Esses contos remetem ao porquê das coisas, da fauna e da flora e trazem explicações fantasiosas, lúdicas, de aspectos do mundo real. Os contos são compostos por enredos curtos, apresentando poucos personagens que, geralmente, dialogam entre si.

Nosso trabalho busca entender o fenômeno linguístico, não mais a partir do produto textual, mas em seu estado nascente e processual. Ademais, a natureza ecológica de nosso estudo é essencial para a análise do fenômeno linguístico tal como ele surge, dado que solicitamos a invenção de um conto, sem direcionamentos específicos em relação ao posicionamento enunciativo para o desenvolvimento da história, como por exemplo, narrar em 1ª ou 3ª pessoa como o fazem Ferreiro et al. (1996) e Boré (2006).

## Contextualização

Nosso corpus foi coletado em 2012 numa escola da cidade de Maceió (Brasil) a partir do projeto didático “Contos do como e do por que”<sup>5</sup>, desenvolvido em uma classe do 2º ano do Ensino Fundamental. O projeto foi conduzido pela própria professora, durante 3 meses, e fazia parte das atividades de ensino de Língua Portuguesa. Foram lidos aproximadamente 30 contos etiológicos e efetuadas 10 propostas de produção textual. Em cada proposta, os alunos deveriam inventar e combinar, em dupla, um conto. Em seguida à combinação, eles receberam folha de papel e caneta para seu registro escrito. Fizemos o registro filmico de todos os processos de escritura de uma única diáde. Para preservar o ambiente didático, evitou-se interferir no processo interacional entre alunos e professor. A filmadora foi fixada em um tripé e a equipe de técnicos e pesquisadores retiravam-se da sala de aula.

Esta opção metodológica possui um caráter etnolinguístico, e permite, a partir do registro filmico, apreender a complexidade e riqueza dos fatores didáticos, pragmáticos, linguísticos, antropológicos que envolvem as situações efetivas de produção de texto na sala de aula. Além de preservar o tempo e o espaço que constitui o texto<sup>6</sup> a ser escrito, o que distingue

---

<sup>5</sup> Esse projeto didático “Contos do como e do por que”, além de oferecer aos alunos uma ampla diversidade de textos reconhecidos enquanto contos de origem, favorecia não só a leitura e a produção de textos em sala de aula, como também o acesso às propriedades discursivas e textuais deste gênero.

<sup>6</sup> É importante salientar que a produção de texto é apontada aqui como manuscrito escolar, uma vez que o consideramos como produto de um processo escritural mobilizado sob uma demanda escolar (CALIL, 2008).

metodologicamente nosso trabalho dos supracitados está no fato da escritura ser colaborativa e favorecer o diálogo entre pares e a verbalização do que o escrevente pensa, no momento em que estão “planejando”, o que irá compor o texto em vias de ser escrito.

### *Procedimentos analíticos*

Um fator essencial para análise quantitativa do DR diz respeito a identificação de sua presença nos manuscritos analisados. Para isso, identificamos as marcas de “pessoa” no discurso (pronomes pessoais e possessivos), verbos de fala ou expressivos (*dicendi*, *sentiendi*) e a dêixes espacial e temporal referente ao personagem. O sistema de pontuação, mudanças de linha e marcas gráficas também foram consideradas, assim como elementos semânticos e lexicais relacionados aos DR. Esses aspectos, ligados à inserção de personagens na narrativa inventada, “podem tocar destinatários diferentes, com efeito, eles dirigem-se fictivamente a um personagem e narrativamente ao leitor” (DESCHILDT, 2003, p. 144). As falas não são apenas citadas por um narrador. Como proposto por Boré (2012), o DR e particularmente as falas dos personagens ocupam um lugar de destaque na criação narrativa.

A identificação desses elementos permitiu a categorização das seguintes formas de DR: DD, DI e DN.

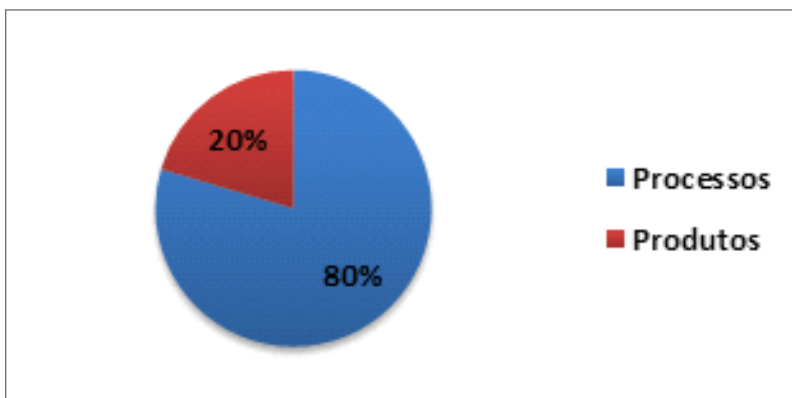
O índice linguístico do DN, ao contrário do DI e DD, não assume uma forma sintática fixa. O DN se revela a partir de uma paleta de formas que são acomodadas textualmente em um enunciado contínuo. Descrito como um recurso em que o narrador dispõe para destacar um ato de fala, sem mencionar de qual maneira este ato seria representado, essa categoria “demanda uma atenção diferente aos verbos de fala que podem se atualizar por lexemas, não por retomada do verbo “dizer”, predominante na versão em discurso direto, mas de reformulação do próprio conteúdo das falas de personagem” (PLANE; RONDELLI; VÉNÉRIN, 2013, p. 221). Ou seja, o DN é compreendido como categoria marcadamente interpretativa, já que ele traz em seu enunciado verbos de parole e léxicos que indicam um acontecimento enunciativo.

As categorias de análise no processo seguem a identificação dos mesmos elementos sintáticos, porém, associamos a eles marcas segmentais e suprasegmentais. Partindo das características do DR no oral postuladas por Rosier (2008), delimitamos a fronteira entre o discurso reportante e reportado, considerando as marcas de entonação, as pausas e modulações de entonação que segmentam o enunciado. A inserção desses elementos combinados ao verbo, à voz e ao gesto, são índices importantes para identificação da representação do DR no oral.

Uma vez identificadas as categorias, contabilizamos considerando sua primeira formulação oral, até o momento em que foram escritas na folha de papel.

### **Panorama Quantitativo do DR nos Produtos (Manuscritos) e Seus Processos**

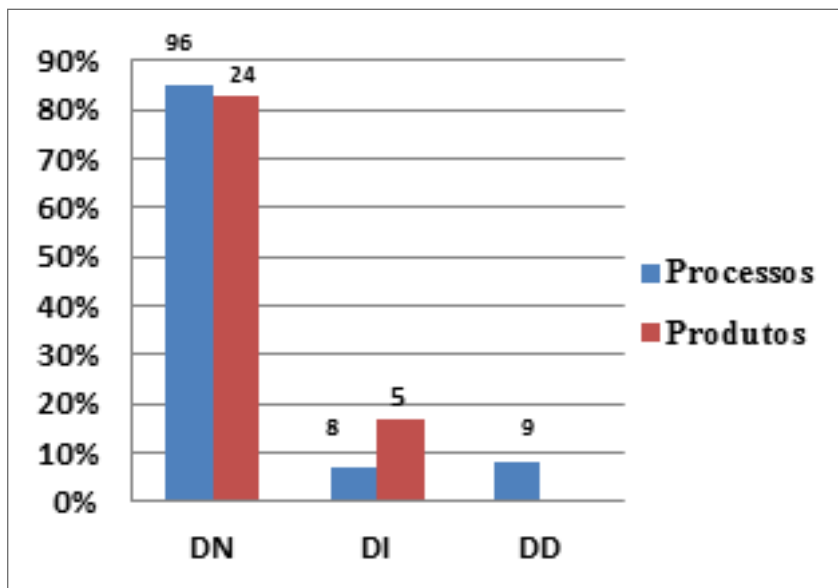
Identificamos 142 enunciados orais e escritos relacionados ao DR que fez parte da gênese textual dos 10 contos etiológicos inventados. Há, certamente, relação entre o DR constituído oralmente e aquele que foi grafado. Por vezes, um DR é grafado após um longo processo de formulação e reformulação. Em outros momentos, um DR oral é escrito tal qual foi dito. Apesar disso, a diferença entre as quantidades de DR formulados oralmente e o DR efetivado por escrito é significativa, como mostra o gráfico a seguir.



**Gráfico 1 – O DR em 10 contos inventados (Processos x Produtos)**

Nos processos foram identificados 113 (80%) ocorrências de DR, enquanto que nos produtos foram registradas 29 ocorrências (20%). Essa diferença indica uma proporção de quase 4 DR orais para 1 DR escrito, sugerindo que a presença de um DR em uma história inventada é o resultado de uma gênese enunciativa intensa.

A comparação entre os tipos de DR em cada uma das modalidades traz outro aspecto interessante.



**Gráfico 2 – Tipos de DR (Processos x Produtos)**

Proporcionalmente, a acentuada diferença entre as ocorrências de DR oral e DR escrito não se manifestou em relação aos tipos de DR. Do total de tipos de DR, predominou, tanto em um quanto em outro, a ocorrência de DN (85% para o registro oral e 83% para o registro escrito). A incidência majoritária de DN neste trabalho, se desenhou de forma diferente em relação ao estudo comparativo de manuscritos franceses e brasileiros realizado por Boré, Calil e Amorim (2015). Enquanto nossa pesquisa teve como foco as estruturas linguísticas representadas nas produções textuais de uma diáde de



alunos, a descrição de marcas de DR em manuscritos escolares de alunos brasileiros e franceses de 7 anos de idade mostrou que a forma preponderante é a DD: 55 ocorrências para os manuscritos de alunos brasileiros e 45 para os manuscritos de alunos franceses. Com uma frequência significativamente inferior, os autores identificaram no conjunto de 20 manuscritos brasileiros, 13 (9,6%) ocorrências de DN e no conjunto de 37 manuscritos franceses apenas 4 (5,8%) ocorrências de DN.

Em relação às suas manifestações escritas, as quantidades de ocorrências de DD e DI destoam de forma significativa. Há um percentual de 17% na forma DI (5 ocorrências), enquanto o DD não apresenta nenhuma ocorrência em sua forma escrita.

Em relação à emergência destes dois tipos de DR ao longo do processo de escritura, ou seja, sua representação oral no curso da escritura, é preciso destacar a importância do extrato suprasegmental, como elemento diferenciador entre eles. Os alunos, ao inserirem nos contos inventados a fala de personagens, recorrem a gestos e mudança no modo de falar como se fosse o próprio personagem falando. Levando em consideração este aspecto como marcador de DD na oralidade, podemos dizer que houve a ocorrência de 9 DD (8%), em oposição a 8 DI (7%).

#### *A construção de DR em um processo de escritura*

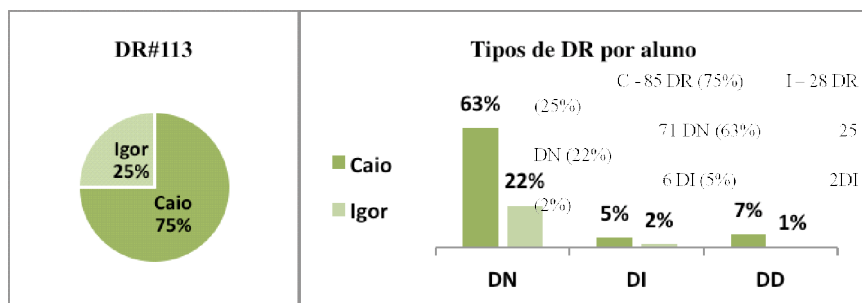
Embora haja diferenças em relação a frequência por categoria, os tipos de ocorrência de DR, isto é, DI, DD, DN nos manuscritos coincide com o que já foi encontrado nos estudos de Boré (2004a), Boré, Calil e Amorim (2015). Entretanto, o acesso ao modo como as formas de DR são construídas antes de ganharem suas configurações escritas é bem pouco investigado, haja vista que as marcas deixadas no papel, sejam elas o rascunho ou versão final do produto textual, não recuperam o que se passou no momento de sua inscrição<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Ainda que as marcas deixadas no papel possam dar pistas entre uma versão e outra e, permita recuperar cronologicamente cada alteração, o que foi escrito não marca o momento real da escritura ou o modo como o aluno pensou em escrever o DR, antes de o inscrever na folha de papel.

A análise que propomos da gênese do DR irá identificar e descrever como ele foi construído oralmente até o momento em que tomou sua forma escrita. Nesta sessão, iremos mostrar a diferença entre as formas enunciativas orais dos DR propostos pelos alunos e, em seguida, analisaremos a gênese e construção do DR durante o momento da inscrição e linearização de um conto etiológico inventado a dois.

Entre Caio e Igor há significativas diferenças em relação à quantidade de DR propostos.



**Gráfico 3 – O DR no processo dos alunos**

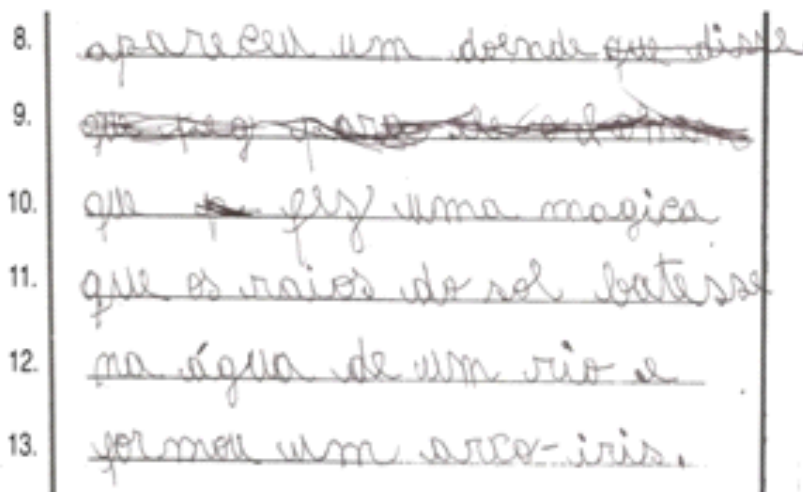
Em todos os processos ocorreram os 3 tipos de DR (113), distribuídos em 96 DN, 8DI e 9DD, dos quais 75% (85) foram elaborados por Caio, sendo 71DN, 6DI, 8DD e 25% (28) por Igor, distribuídos em 25DN, 2DI, 1DD.

Esses resultados indicam dois aspectos relacionados ao processo coenunciativo estabelecido durante o momento da “combinação” e “inscrição-linearização” das narrativas inventadas pelos alunos:

- 1º) Nenhum DR registrado nos manuscritos foi escrito sem formulação e reformulação oral. A questão aqui é saber como se deu essa construção e quais os tipos de alteração ocorridas.
- 2º) Os dados mostram que Caio contribuiu mais intensamente para a construção destes DR. Essa diferença sugere uma maior habilidade linguística e textual de Caio para a construção do DR.

Para a análise do processo de construção do DR, escolhemos o processo que gerou o manuscrito “Por que existe o arco-íris”. Selecionamos este processo pelo fato dele ilustrar a intensa dinâmica coenunciativa, o papel de cada aluno em sua construção e a relação entre o DR e a construção do personagem nesta história.

### Produto do processo de escritura: “Por que existe o arco-íris”



**Figura 1<sup>88</sup>** – Transcrição diplomática: : Estado do manuscrito escolar “Por que existe o arco-íris”, linhas 8 e a 13, linearizadas entre 43:30 e 59:06 (6º processo, 07/05/2012).

---

<sup>8</sup> Transcrição diplomática:  
apareceu um doende ~~que disse~~  
que peg para ele o homem  
que p fez uma magica  
que os raios do sol batesse  
na água de um rio .e  
formou um arco-iris.

Neste 6º conto etiológico inventado pela díade, Igor era o responsável por grafar a história e Caio por ditar. Há uma longa rasura entre as linhas 8 e 9, iniciada logo após “apareceu um duende”, sob a qual é possível identificar o registro de “que disse” (linha 8) e “que peg para ele o homem” (linha 9). Entretanto, a filmagem do processo mostra que essa rasura não foi feita de uma só vez. Ela não envolveu apenas um problema textual, como por exemplo, o problema ortográfico relacionado à grafia da palavra “pegar” na linha 9. Apesar destes riscos terem a aparência de continuidade, e indicarem o apagamento de todo o trecho “que disse que peg para ele o homem...”, eles foram feitos em momentos diferentes, e tem funções distintas, envolvendo problemas ortográficos, sintáticos, mas sobretudo, relacionados à representação do discurso reportado.

É justamente esse problema que nos interessa analisar. Podemos observar que a rasura subsequente ao enunciado “apareceu um duende”, indica a linearização de um discurso reportado pelo narrador, relacionado ao personagem duende: “apareceu um duende que disse que para ele o homem”.

Esse enunciado escrito traz as marcas sintáticas e semânticas relativas à construção do DR do “duende” na sua forma indireta, isto é, o escreventenarrador apoia-se na estrutura: “X disse que Y”. A rasura apaga uma tentativa de construção de DR. Da posição enunciativa do narrador, sob a rasura feita, pode-se interpretar a tentativas de duas formulações do DR: “um duende disse que” e “um duende disse para ele (o homem)”. A presença do verbo “dizer”, na 3ª pessoa do pretérito perfeito, seguido pelo conector “que”, e depois a preposição “para” e o nome do personagem (o homem), marcam a introdução do DR. Mas, ao mesmo tempo, indicia uma hesitação ou dificuldade em articular o objeto direto “disse que” e o objeto indireto “disse para” relativo à sua construção. A produção da rasura parece estar relacionada à construção do DR.

Logo após esse trecho rasurado, foi linearizado nas linhas 10, 11, 12 e 13: que fez uma mágica (linha 10)

que fez uma mágica (linha 10)  
que os raios de sol batesse(m) (linha 11)  
na água de um rio e (linha 12)  
formou o arco-íris (linha 13)

Nestas linhas, ao contrário do que foi identificado sob a rasura, não há a ocorrência de um DR claramente delimitado. Do ponto de vista textual, o que foi escrito nas linhas 11, 12 e 13 está vinculado semanticamente a “[o duende] fez uma mágica” (linha 10). Ou seja, a mágica feita pelo duende fez com que “os raios de sol batesse(m) na água de um rio” e produziu como efeito ou resultado “a formação (aparecimento) do arco-íris”.

Neste contexto, a expressão verbal “fez uma mágica” tem valor de verbo de fala, indicando, do ponto de vista da construção sintático-enunciativo, a presença do DR. O ato de “fazer a mágica” estaria relacionado ao ato de enunciar ou lançar um feitiço, dizendo palavras mágicas para que algo se realize. As palavras mágicas ditas pelo duende foram “que os raios de sol batessem na água de um rio”. Isso pode ser mais facilmente observado se for substituído o “fez uma mágica” por construções imperativas como “eu ordeno” ou “eu quero”:

[Eu ordeno/quero/desejo] que os raios de sol batessem [batam] na água de um rio.

O enunciado escrito parece manter a concorrência entre duas possibilidades de enunciação do escrevente/narrador, semelhante ao que foi indicado sob a rasura que o precedeu. De um lado, “fazer uma mágica” para aparecer o arco-íris. O narrador descreve qual foi a mágica feita pelo duende e a forma verbal “batesse” (3ª pessoa do pretérito imperfeito do subjuntivo) indicia isso. De outro, “falar a mágica”, isto é, o duende enuncia as palavras de encantamento para que o arco-íris apareça. E a linearização “que os raios de sol”, sugere isso. Essa ambiguidade enunciativa entre “descrever” a mágica e “falar” a mágica feita pelo duende assemelha-se ao que outros estudos sobre as características do DR em escreventes novatos sugerem. A construção do DR na sua forma escrita exige do escrevente o domínio e a articulação de diferentes níveis linguísticos e enunciativos.

Contudo, o acesso apenas a manifestação do DR no manuscrito não permite saber como esse DR foi construído. A análise do diálogo entre os alunos traz elementos enunciativos importantes relacionados a rasura efetivada e à presença de marcas orais na construção da fala do personagem.

TD: 6º processo (manuscrito “Por que existe o arco-íris”), 50’34”- 51’54” (1’20”).

981. CAIO: (Lendo [apareceu um duende]) Assim, ó... ó... o duende:: Apareceu um duende... que o levou para... **que fez uma mágica.** (Fazendo gestos com os braços e mãos como se fosse chuva caindo.) **Toda vez que chovesse... e aparecesse o sol... aparecesse o sol... sempre apareceria um arco-íris.** Que tal?
982. IGOR: (Pensativo.) Ele ::: Ele
983. CAIO: (Alterando o tom de voz como se fosse o personagem.) **Toda vez que... que chove...** (Voltando a falar normalmente.) E o duende apareceu “**e fez uma mágica.** (Novamente gesticulando com os braços e mãos, agora indicando gestos de uma mágica.) **e... que toda vez que chovesse... ..e... e o sol batesse na água...** (Dando um tom de suspense ao enunciar “apareceria”) **...apareceria...**
984. IGOR: (Falando com ênfase.) **O arco-íris!!**
985. CAIO: Isso. Vamos fazer isso? Ó, o duende. Agora vai ter que desaparecer isso tudo:: Daqui (Apontando para o trecho [que disse que ~~peg~~<sup>9</sup> para ele o homem]) tem que desaparecer porque ele não vai dizer nada.
986. IGOR: É. Isso aqui (Apontando [que disse]) vai ter que desaparecer? (Fazendo um risco sobre ‘que disse’ [~~que disse~~])
987. CAIO: É. Aí apa-apaga (Apontando para linha 8, [que ~~peg~~ para ele o homem])
988. IGOR: Não é apagar (Rasurando [~~que peg para ele o homem~~])
989. CAIO: É apagada. (Igor segue rasurando, fazendo vários riscos na linha 8)
990. IGOR: Não é apagar. É riscar.
991. CAIO: Ah, tá. Riscar.

O registro fílmico permite acompanhar, simultaneamente, o que dizem, o que inscrevem e os gestos e expressões faciais que acompanham essas

---

<sup>9</sup> A rasura sobre “peg” havia sido feita momentos antes, quando Igor tentava escrever “pegar”.

ações. Neste TD, temos transcrito o que disseram enquanto rasuravam o longo trecho “que disse (linha 8) que peg para ele o homem (linha 9)”. A rasura aconteceu durante os turnos 986 e 988.

Em um primeiro momento, turno 981, Caio associa o personagem “duende” ao ato de “fazer uma mágica”. Em seguida, no mesmo turno, Caio muda o tom de voz, gesticulando e fazendo pantomimas como se fosse o próprio personagem dizendo o que vai acontecer para aparecer o arco-íris. Caio introduz um DI, reportando o que teria dito o duende ao fazer a mágica: “Toda vez que chovesse e aparecesse o sol... sempre apareceria um arco-íris. Que tal?”.

Ao introduzir o personagem duende na história e a mágica por ele realizada para que aparecesse o arco-íris, Caio faz marcações suprasegmentais e gestuais (pantomimas com os braços, imitando o feitiço lançado e a chuva caindo). Estas marcas, principalmente a mudança na entonação, indicam uma representação oral do DD, comum em situações de contagem oral de histórias. Contudo, a construção linguística do enunciado de Caio referente ao DR do personagem tem propriedades de um discurso reportado indireto (DI), isto é, ele reporta, entre os turnos 981 e 983, o que disse o duende: “apareceu um duende que ‘fez uma mágica’/[disse] ‘que toda vez que chovesse e aparecesse o sol sempre apareceria um arco-íris’”.

Essa imbricação entre as formas DD e DI pode ser melhor observada a partir de sua separação:

#### Forma DD

Apareceu um duende que fez uma mágica e disse:

Toda vez que chover e aparecer/bater o sol, sempre aparecerá o arco-íris.

#### Forma DI

Apareceu um duende que fez uma mágica e disse que toda vez que chovesse e aparecesse/batesse o sol, sempre apareceria o arco-íris.

A formulação oral do DR feita por Caio resolveu o impasse relacionado à introdução do DR que já havia sido escrito, gerando, entre os turnos 986 e 988, a rasura feita por Igor sobre “que disse / que peg para ele

o homem”. O diálogo acima mostra justamente a relação entre do DR com a rasura. Ao mesmo tempo, ele indica que a passagem do DR oral proposto por Caio para sua forma escrita sofre ainda outras variações. O manuscrito preserva apenas a primeira parte do DR oral, ou seja, a introdução da mágica feita pelo personagem e sua fala “que fez uma mágica que toda vez que chovesse e aparecesse/batesse o sol” é linearizada como “que fez uma mágica que os raios de sol batesse(m) na água de um rio” (linhas 10, 11 e 12).

A linearização do DR oral provocou uma redução e mudança da fala do personagem. As linhas 10, 11, 12 apresentam uma forma escrita de DR, com marcas de DD e DN. Apesar de manter elementos do DD do personagem, indicada pelo “que” e pelo “batesse”, no enunciado “que os raios de sol batessem na água de um rio”, sua linearização descreve a mágica feita “os raios de sol bateram na água de um rio”, sugerindo a narrativização do que teria dito o duende.

A segunda parte do DR oral “sempre apareceria o arco-íris” deixa de ter um valor de DR no manuscrito, passando a fazer parte dos acontecimentos narrados e resultando no efeito da mágica lançada: “e formou(-se) o arco-íris”.

Nesta concepção dialógica de linguagem a incidência de DR revela relações discursivas e interdiscursivas presente na memória do aluno como modelo para o que e como escrever. Se considerarmos que Caio ao enunciar o DR desloca-se da posição de quem narra para mimetizar a voz do personagem, podemos inferir que há um fato de dialogismo dado por esse deslocamento. Para constituir seu discurso, um locutor, necessariamente, o elabora a partir de outros discursos. Ou seja, a exposição à cultura letrada dada a partir da imersão à escritura do gênero textual referência, permitem à entrada de estruturas semelhantes aquelas encontradas nas práticas discursivas as quais estão expostos.

O enunciado “ \_\_ Eu tenho poderes mágicos, basta estalar os dedos e, ploft, a comida aparece!” (ZATZ; ABREU, 2010, p. 19), presente nos contos lidos, sinalizam a relação interdiscursiva com o DR criado por Caio. O que é evidente na representação da fala do duende é o fato dos alunos estarem condicionados a fazerem uso do material linguageiro do qual dispõem. A ação de “fazer mágica”, expressa pelas pantomimas representadas por Caio é efeito de outro dizer e constitui marcas interdiscursivas, dada



pelo referencial cultural. Podemos inferir que a textualização do que enunciam os personagens perpassa pela palavra do outro, mas sua configuração indica uma ordem particular delimitado por outros fatores, como por exemplo, o uso inadequado da demarcação da fala do outro – ausência de sinais de pontuação, ou ainda, ausência de alíneas –, em sua linearização.

## **Para Concluir**

Em nossos resultados, identificamos uma significativa diferença entre as quantidades de ocorrências de DR nos processos e produtos. A análise do processo de escritura do conto “Por que existe o arco-íris” mostra que a condição coenunciativa é a responsável por isso. Essa condição teve um papel crucial na gênese e construção do DR. A alternância de turnos, os desacordos e hesitações, os gestos e expressões faciais e, sobretudo, a necessidade ficcional de inventar personagens favoreceu a produção de DR. Além disso, estes aspectos colocaram em evidência a articulação entre a forma oral do DR enunciado e sua passagem para a forma escrita.

Parece ser esta condição a responsável pela presença da forma DD nos processos e sua ausência nos produtos. No processo analisado pudemos observar como Caio faz a marcação entonacional da voz do personagem, ao lançar a mágica para aparecer o arco-íris.

Vale destacar que a ausência de DD nos manuscritos pode estar relacionada ao pouco conhecimento que os alunos detêm sobre o funcionamento e usos dos sinais de pontuação. Além de praticamente ausentes dos manuscritos, no conjunto dos processos de escritura desta díade não há discussões sobre estes sinais. Em nenhum momento, a díade sugeriu pontuar ou marcar graficamente falas de um personagem. Este aspecto precisa ser aprofundado, mas provavelmente pode ser uma das justificativas para a grande incidência de DN nos manuscritos.

Como vimos no diálogo analisado, a imbricação do DD e DI na forma oral sugere que a transformação em DN é resultado de sua linearização e da falta de domínio do sistema de pontuação.

A textualização do DR por estes alunos, desde a sua formulação e reformulação oral até sua linearização, dependeria, ao menos, de três fatores:

1. Da complexidade do sistema de representação escrita do DR e o conhecimento linguístico que os alunos detêm.
2. Da articulação entre a formulação oral coenunciativa e sua linearização e articulação com o manuscrito em curso.
3. Das propriedades do gênero textual a ser produzido.

Estes fatores, associados ao conhecimento letrado dos alunos – como indicaram as falas de Caio ao introduzir a mágica feita pelo duende, recuperando estruturas linguísticas comuns a narrativas ficcionais em que há enfeixamentos e encantamentos –, seriam interdependentes, e favoreceriam a aprendizagem e o domínio das formas de representação de DR pelos alunos.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Langages*, n. 73, p. 98-111, 1984.

AUTHIER-REVUZ, J. La représentation du “discours autre”. In : LOPEZ MUNOZ, J. M.; MARNETTE, S.; ROSIER L. (Ed.). *Le discours rapporté dans tous ses états*. Paris: L’Harmattan, 2004. p. 35-53.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BESSONNAT, D. Parole des personnages : bâtir une progression. *Revue Pratiques*, n. 83, p. 5-34, 1994.

BORÉ, C. Discours rapportés dans les brouillons d’élèves : vrai dialogisme pour une polyphonie à construire, *Revue Pratiques*, v. 123-124, p. 143-169, 2004a.

BORÉ, C. L’écriture scolaire : langue, norme, « style » : quelques exemples dans le discours rapporté. *Linx*, v. 51, p. 91-106, 2004b.

BORÉ, C. L’écriture scolaire de fiction comme rencontre du langage de l’autre. *Revue Repères*, v. 33, p. 37-60, 2006.

BORÉ, C. *Modalités de la fiction dans l'écriture scolaire*. Paris: L' Harmattan, 2010.

BORÉ, C. Le discours direct dans des écrits fictionnels scolaires, marques et signification. In : BRANCA-ROSOFF, S. (Ed.). *L'hétérogène à l'œuvre dans la langue et les discours*. Limoges : Lambert- Lucas, 2012. p. 117-134.

BORÉ, C.; CALIL, E.; AMORIM, K. L. Étude comparative des formes de discours rapportés dans des contes des origines chez des scripteurs français et brésiliens (7-8 ans): premiers résultats. 2015. Disponível em: <[http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2015/03/shsconf\\_iaimte2013\\_02001.pdf](http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2015/03/shsconf_iaimte2013_02001.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2015.

BRES, J. Savoir de quoi on parle: dialogue, dialogal, dialogique. In: BRES, J. et al. (Org.). *Dialogisme, polyphonie*: approches linguistiques. Paris: De Boeck.duculot, 2005. p. 47-61.

CALIL, E. Cadernos de histórias: o que se repete em manuscritos de uma criança de 6 anos? In: BLAS, V. S. (Ed.). *Mis primeros pasos*: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX). Gijón: TREA, 2008. p. 55-70.

CALIL, E. A menina dos títulos: repetição e paralelismo em manuscritos de Isabel. *Alfa*, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 533-564, 2010.

CALIL, E. The Gluttonous Queen: dialogism and memory in elementary school writing. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 7, p. 24-45, 2012a.

CALIL, E. Dialogues between two pupils during the process of writing a fictional story Verbal erasures and their forms of representation. In: COOREN, F.; LÉTOURNEAU, A. (Ed.). *(Re)presentations and Dialogue*. Amsterdam: John Benjamins, 2012b. p. 325-341.

CALIL, E. Séries associatives à l'œuvre dans l'écriture d'un poème en salle de classe : de « jaune » à « avec la foi ». In: JACQUES, M. ; RAULET-MARCEL, C. (Dir.). *Inventions de l'écriture*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, 2014. (Coll. "Sociétés").

- CALIL, E.; BORÉ, C. Formas de discurso reportado em narrativas ficcionais escritas por alunos brasileiros e franceses. *Debates em Educação*, v. 5, p. 135-149, 2013.
- CALIL, E.; DEL RÉ, A. Análise multimodal de uma história inventada: o caso da onomatopeia visual. *Revista da Anpoll*, Belo Horizonte, v. 2, n. 27, p. 13-41, jan./jun. 2009.
- CALIL, E.; AMORIM, K; LIRA, L. Letramento e processo de escritura de alunos recém-alfabetizados. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 33, n. 89, p. 73-89, 2013.
- DESCHILDT, S. Les paroles de personnages dans les récits des élèves de CM2. *Recherches*, n. 39, p. 141-173, 2003.
- DOQUET-LACOSTE, C. Écriture et traitement de texte à l'école élémentaire: modes d'analyse et pistes de travail. *Langage & Société*, n. 103, p. 11-29, 2003.
- DOQUET-LACOSTE, C. Le jeune scripteur et ses doubles : variété du dialogisme dans l'écriture à l'école. *Cahiers de Praxématique*, Montpellier, n. 43, p. 107-130, 2007. Disponível em: <<http://www.item.ens.fr/index.php?id=172883>>. Acesso em: 18 maio 2015.
- FERREIRO, E. et al. (Ed.) *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. São Paulo: Ática, 1996.
- FERREIRO, E.; SIRO, A. *Narrar por escrito do ponto de vista de um personagem: uma experiência de criação literária com crianças*. Tradução Luis Reyes Gil. São Paulo: Ática, 2010.
- PLANE, S.; RONDELLI, F.; VÉNÉRIN, C. Variations, fidélité, infidélité : l'écriture et la réécriture de discours rapportés par de jeunes scripteurs. In: DESSOUTTER, C.; MELLETT, C. (Dir.) *Il Discorso Reportato e le sue marche: prospettive teoriche e didattiche*. Bern: Peter Lang, 2013. p. 215-232.
- ROSIER, L. *Le discours rapporté en français*. Paris: Ophrys, 2008.

ZATS, L.; ABREU, G. O fedor do gambá. In: ZATS, L.; ABREU, G. *De onde tudo surgiu e como tudo começou (Tudo, tudo mesmo!)*. São Paulo: Moderna, 2010. p. 17-21.

Enviado em: 28/10/2016

Accito em: 29/11/2016